

E: Sabe, Machado de Assis foi o primeiro autor brasileiro que traduzi. Quando falava com meus amigos brasileiros sobre esse projeto, eles diziam: "Você vai sofrer!" E sofri mesmo. Está aí outro grande desafio. Uma chance dessas só se tem uma vez na vida: poder traduzir um clássico. E o melhor que há na literatura do século passado é o Memórias Póstumas de Brás Cubas. Machado de Assis é de uma atualidade! ... Desta vez, dei, aqui na USP, um curso de tradução literária, na graduação, e vimos também Machado de Assis. Ele é tão moderno!

L: Havia alguma tradução anterior?

E: Havia uma tradução dos anos 50, de Wolfgang Kayser – que eu só fui conhecer dez anos depois, intencionalmente. O professor Azevedo, da Universidade Livre de Berlim, examinou as duas traduções e preferiu a minha para ser publicada em edição de bolso: uma grande tiragem, logo esgotada. Fiquei orgulhoso. E ganhei cinco exemplares dela, além de 120 marcos ocidentais. Com esse dinheiro, comprei um relógio de mesa que até hoje tenho em minha escrivaninha. Como um símbolo. O tempo passa e as coisas mudam. Quem não aprende, pára. Quem pára, morre.

L: Você citaria outros autores ou trabalhos?

E: Graciliano Ramos é ótimo. Conheci sua filha, casada com James Amado. São Bernardo tinha sido traduzido. Conheci e apreciei José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo. Tenho vários projetos, como traduzir Incidente em Antares e poemas de Carlos Drummond de Andrade. Traduzir literatura é uma forma intensiva de leitura.

Homenagem

Homenagem à profa. Edith Pimentel Pinto

Lygia Côrrea Dias de Moraes*

Este artigo está sendo publicado postumamente. Edith Pimentel Pinto deixou-nos em 17 de novembro de 1992. Do que representou essa perda para os estudos de língua portuguesa dá-nos idéia uma breve relação de seus principais trabalhos publicados em livro: O Auto da Ingratidão ("Na Vila de Vitória" – Anchieta), edição crítica com que, doutorando-se, apresentou notável trabalho no campo da filologia; O português do Brasil – textos críticos e teóricos, em dois volumes (I - 1820 a 1920; II - 1920 à atualidade), coletânea comentada e acompanhada de estudo sobre as várias correntes de opinião a respeito do idioma nacional; A gramatiquinha de Mário de Andrade – texto e contexto, provinda da tese de livre-docência, em que organiza e comenta os apontamentos e esboço preliminar da obra que Mário muito anunciava e nunca chegou a escrever efetivamente.

De menor porte, mas igual excelência, foram publicados em coleção de divulgação para público amplo: o vol. VI da História da língua portuguesa (org. de S. Spina); A língua escrita no Brasil e O português popular escrito, resultantes – como os demais trabalhos – de pesquisa pessoal e original.

Por fim, já não caberia aqui arrolar artigos e outros escritos, tampouco as muitas conferências e palestras que proferiu, ou cursos que coordenou.

Sua carreira profissional iniciou-se com a licenciatura em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Dedicando-se ao magistério secundário, inicialmente em escolas particulares; ingressando depois, por concurso de títulos e provas, no estadual; exercendo por dois anos o leitorado de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em Tübingen, na Alemanha; acumulando as cadeiras de Português e de Latim no magistério secundário oficial com a de Técnica de Redação na Faculdade de Comunicação da FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado;

* Professora da USP – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

passando, finalmente, para a USP, em que se aposentou como titular de Filologia e Língua Portuguesa, após percorrer todos os graus da carreira universitária – sua trajetória foi sempre assinalada pelo rigor científico, pelo brilho intelectual.

Professora respeitada e admirada pelos alunos; orientadora de muitas teses e pesquisas, nunca deixou de dar apoio seguro aos que a procuravam em busca de informação.

Foi poetisa laureada – **Sinais e conhecimentos** teve o 1o. Prêmio Nacional de Poesia na Bienal Nestlé de Literatura (1986).

Vai com esta apresentação nossa homenagem à colega generosa, nosso preito de saudade à amiga querida.

Artigo

AS RELAÇÕES DO ESCRITOR COM A LÍNGUA

Edith Pimentel Pinto

Resumo

A autora tece reflexões em torno do talento para redigir, da disciplina para aprimorar esse dom, do modo como diferentes autores reagem às regras consagradas. A seguir trata da modalidade brasileira da língua portuguesa, comentando o estilo de vários escritores importantes.

Palavras-chave

Língua. Criação. Elaboração do texto.

1. As relações do escritor com a língua são complexas e algumas vezes tensas: reconhecendo-a como sua matéria-prima, ele é forçado a atacá-la em muitas frentes, na tentativa de dobrá-la e domá-la para seu uso e gosto.

Na gestação de um futuro escritor, a primeira etapa corresponde, obviamente, à aquisição da língua escrita, em suas variadas manifestações. Comecem aí as diferenças de oportunidade que privilegiarão alguns em detrimento de muitos, os quais, talvez dotados de inclinação semelhante, não se encaminharão para o mesmo destino.

Na prática, durante esse período, dificilmente o futuro escritor se distingue dos demais aprendizes. Nenhum desvelo especial pela gramática, nenhum amor à exatidão ortográfica o prenuncia. Talvez apenas certa facilidade na execução das tarefas que implicam o uso da língua escrita, notadamente os exercícios de redação, no geral mais fluentes que os demais.

Ao contrário, essa facilidade, essa fluência, no ato de redigir podem ser responsáveis por certo descaso em relação ao estudo da gramática e às estratégias redacionais aconselhadas pelos professores. A perdurar, tal atitude levará, quando estiver definida a vocação de escritor, a textos mal acabados,